

— E já vem – anunciou Dante, fitando os arbustos próximos.

Por trás do jasmineiro, uma sombra se adensou, aproximando-se, como se deixasse para trás uma tarefa pela metade, sob o teto de flores. Trazia nas mãos um pacote. Pareciam biscoitos.

— A casa está tão velha... – a nova alma disse. – Realmente, abandonada. Não sei se estes biscoitos estão bons... Parece que me esperam há centenas de anos – ele mordiscou um pedacinho, em dúvida; o biscoito como uma pequenina orelha, um búzio em suas mãos delgadas e lívidas. – Mas servirão, é certo. Ah, ela está aqui!

Então me viu. Seus olhos eram atrevidos e infantis, mas tristes; seu rosto era afilado, de aparência macia, como uma pintura a giz. Trazia bigodes, casaca, bengala e biscoitos. Senti-me embaraçada, diante de sua presença reconhecível. Ele chegou-se mais perto da comitiva e inclinou-se profundamente.

— Não há motivos para vergonha – disse Roland, lendo-me por completo.

— Ninguém escreve envergonhado – o outro advertiu.

— Eu sei que você nunca terminou o livro – Marcel completou, sorrindo. – Sequer o primeiro livro!

— Desculpe – murmurei.

— Você detesta a história?

— Não, não é isso! Eu... Eu não... – apressei-me em esclarecer, atrapalhando-me.

— Ele sabe – comentou Dante, sorrindo o seu sorriso enigmático, fiapo-de-lua. – Ele o sabe. Afinal, está aqui também.

— Acontece... Acontece que a obra era grande demais para mim... Mas nunca se pulam as mesmas partes... Grande, entende? Grande demais.

— Eu sei, eu sei... – ele concedeu, agitando as mãos com uma espécie de ternura travessa e melancólica. – Aqui, há tempo de sobra. Não me escapou o fato de que foi o meu volume o que você trouxe, sob o braço, naquela viagem fatídica, para esta mesma casa, é verdade.

— Não pude ler... Não pude... Era grande demais para mim...

— E, no entanto, amaste aquela passagem. Aquela, sobre a leitura em um quarto de inverno, o ninho feito de diversos objetos, sob a cabeça.

— Conhecemos todos os teus sonhos – disse Dante.

— E muitos pensamentos – completou Roland, como se lesse o que eu pensava naquele mesmo instante. – Mas ela não está aqui.

— Há um lugar onde eu possa encontrá-la?

Marcel, diante de nós, encolheu os ombros. Baixou os olhos, a fitar o castão da própria bengala e as pontas finas dos sapatos lustrosos sob a noite, pétalas de jasmim nas omoplatas.

— Chegará o dia, movido pelo Amor, em direção a este espaço oco no teu peito... — disse Dante. — Em que algo se revelará. No entanto, este jardim desolado... É tudo o que, por ora, nos é dado a conhecer. Até mesmo o passado, esta coisa certa, está por se decidir. Os sonhos são misteriosos assim.

— Eu entendo. Eu sinto muito — eu disse.

— Pelo quê, minha querida? — tornou Roland.

— Pela avó... — ia dizendo Marcel.

— Não, não só pela avó.. Mas também... Oh, por tudo!... Pelo fato de que coube a vocês, logo a vocês, o meu jardim...

Roland disse, parecendo ligeiramente divertido:

— Por vezes pensaste que Deus nos teria criado somente para ti.

— Agrada-me — disse Marcel.

— Sinto-me paralisada.

— Não há termo...

— Uma avó...

— É tudo pesado...

— O sonho cheio de água...

— A palavra lamacenta, a loção pós-sol...

— Já não quero pensar nos objetos sobre a mesa... Como uma pedra, não posso evitar... Os óculos...

— Os óculos, sobre a Bíblia, na mesinha de centro, como se ela fosse voltar...

— Como se ela fosse voltar a qualquer instante...

— Como se não tivesse ido a parte alguma...

— E tu esperaste...

— Chegará o tempo, menina...

— Mas o tempo é imóvel, Dante... Perdido para sempre, uma ferida...

— Uma ferida doendo no coração do amor.

Falar já não podia. As lágrimas fizeram um manto ao redor de nós. Marcel aproximou-se um pouco mais. Descansou sua face fria sobre minha

cabeça; ele cheirava a baunilha e biscoitos. Dante cobriu minhas mãos com as suas, que eu mantinha sobre o rosto.

Ergui o rosto após algum tempo. Roland segurava uma foto. Era eu, caída sobre a grama, de bicicleta, pequena, com os joelhos cortados, no gramado. Pensei que nunca mais seria daquele tamanho novamente. Eu estava na foto, que era como um sonho, dentro de um sonho, costurado...

Não sei o exato momento em que alguém surgiu, atrás de mim, mas senti que se aproximava, como se viesse da casa, a imensa casa branca, a me vigiar. Vinha molhado, completamente, umedecendo o ar ao redor. Senti, a princípio, a mão apenas, sobre meu ombro, como um sapo. Não pude entender o medo que tive. O ar cheirava a jasmim. Como lá fui parar não sei. Mas o lugar se parecia muito às memórias de minha infância. Havia um homem atrás de mim.

- Eu conheço você – falei com incerteza, depois de alguns momentos.
- Estive em seus sonhos por muito tempo – ele me respondeu.

Aquela mão sobre o meu ombro, próxima à cabeça, oferecia-me um par de óculos. Roland, que vinha das águas. Marcel, que mastigava biscoitos. Eu, dentro de uma foto, dentro de um bolso. Nadava, com cauda de sereia, no interior de um castelo. Uma enguia me estrangulava. Chovia mármore e pétalas. Do jasmineiro, Marcel me olhava. Dante, que me estendia os biscoitos. Roland, que procurava uma escada. Os sapos, que coaxavam segredos...

- Isto é para ti.
- Estive à tua espera.
- Por que não leste o livro?
- O que significa a palavra aquilino?
- Sinto-me paralisada.
- Uma avó...
- Não há termo...
- Os óculos, sobre a Bíblia...

Os meus joelhos abertos, de onde saíam sangue e água. Um hotel se construía dentro do pacote de biscoitos. O cheiro de baunilha. Os óculos sobre a Bíblia. Roland, que aceitava uma pétala de buganvília, retirada de um pacote de biscoitos. Ao erguer a mão, sacava uma foto. Eu estava em seu bolso. Agora corria sobre o gramado, caída em frente ao Novo Hotel. Os sapos coaxavam segredos. Uma água lamacenta invadia a casa, por trás de mim. Olhei sobre meus ombros, sentada no banco. Alguém se aproximava.


- Estivemos à tua espera...
- Isto é para ti...
- Sinto-me paralisada...
- Agrada-me.

Marcel, que me olhava do gramado. Dante, que me oferecia um saco de biscoitos. Roland, que se aproximava, por trás do jasmineiro.

- Estivemos à tua espera...

Recebido em 18 de outubro de 2022

Aprovado em 22 de março de 2023

Licença: 

Bárbara Costa Ribeiro

Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Ceará. Mestra em Letras (Literatura Comparada) e graduada em Letras (Português-Literaturas) pela mesma Universidade.

Contato: costaribeirobarbara@gmail.com